

Cultura

39  
6872m  
CIFE - 1965 ★ NEGROS ★ JAYME GRIZ

JAYME GRIZ



NEGROS

MAACATV

ARQUIVO PÚBLICO ★ IMPRENSA

RECIFE - 1965

MARACATU

**D**AS cerimônias de coroação de Reis realizadas no Recife frente à igreja de Nossa Senhora do Rosário, que tiveram início no dia 21 de maio de 1763, o primeiro ritual e se alongaram até o Império, surtiram efeitos raciais e sociais. O primeiro racatu em Pernambuco, projetando-se, para outros Estados do Nordeste.

Tais cerimônias, que Koster diz ter sido realizadas também em Itamaracá, eram toleradas pela Igreja, tendo havido até coroações feitas por negros, e consentidas pelas autoridades locais. O que o "Rei" era fator de ordem social para os africanos, no Recife, e onde chegavam em grande fluência.

Depois de coroado o "Rei" e feito o cortejo no adro da igreja, em homenagem à Paço de Nossa Senhora do Rosário, saíam os negros em cortejo, pelo adro do Recife, lembrando, pela solenidade do ritual, que o compunham, um séquito real: Reinas, damas de honra, príncipes, embaixadores e Tóda uma "Corte".

Essas coroações de Reis de Congo, de cortejo real e festividades decorrentes das cerimônias, ou sofreram influência dos ritos das Congadas, ou constituíram os próprios



espelhos e outros enfeites, figurando no meio dessas cordões vários personagens, entre os quais os que conduzem os fetiches religiosos, um galo de madeira, um jacaré empalhado e uma boneca de vestes brancas, com manto azul; e logo após, formados em linha, fingras de dignatários das côrtes, fechando o préstito, o Rei e a Rainha" (Folclore Pernambucano).

Aí está um documento vivo, incontestável, das origens negras do maracatu e de suas ligações com os autos de corramento de Reis de Congo, do passado, em Pernambuco.

Maracatu, pelo menos em Pernambuco, — o que sempre lhe deu característica própria —, nunca se denominou de Clube, mas de "Nação". Nação de Pôrto Rico, Nação de Cambinda Velha, Nação de Leão Coroadado, Nação do Elefante.

Citando apenas alguns dos mais antigos maracatus do Recife.

Até os fins do século passado, e até mesmo começos do corrente século, as mais antigas "Nações" de Pernambuco se apresentavam nos carnavais do Recife, não mais com aquele pompa de que fala Pereira da Costa (pompa mantida até mais ou menos meados do século XIX), mas ainda com certa expressão tradicional: seus Reis e Rainhas sob seus chapéus-de-sol de côres, seus ricos estandartes, seus embaixadores, suas "baianas", seus tiradores de loas, seu típico batuque, etc., o mesmo acontecendo nos carnavais de algumas cidades interioranas, onde ainda hoje existem algumas

dessas "Nações", tôdas, ou quase tôdas, do Recife, empobrecidas e em lamentável de descaracterização.

A propósito de descaracterização, anotar que Mário de Andrade, no seu trabalho, refere uma "Dama do Passo" : racatus do Recife de nossos dias. No passava "Damas de Honra" ou "do Paço" (1 "Dama do Passo", de hoje, não é, como poder, uma descaracterização de antigas ou t niais figuras do maracatu. É uma figura. Um caso de sincretização face aos novos ou nova coreografia do nosso carnaval (o o "frêvo") para onde convergiu o mesmo catu, depois dos autos de coração de Reis go, de onde se originou.

Outra figura que vem aparecendo, e com mais frequência, nos maracatus de F buco é a do caboclo ou índio.

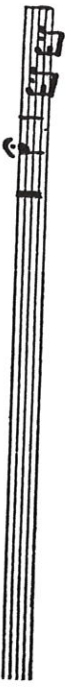
Esta, pela sua origem, é uma figuraz nha ao grupo negro. Só se explica como fe de aculturação negro-cabocla.

Talvez resulte, no fundo, de um sent de solidariedade vindo de longe, de passadada ao lado do negro, pela libertação de nossa t domínio estrangeiro. Henrique Dias e seu batentes negros, Camarão e seus índios flec estão na memória de todos nós. Nas págn nossa História. É, assim, o índio, no Mar uma alegoria. Uma comumente alegoria lig

JAYME GRIZ

excessivos cuidados ligados à preservação de ditas naus, cujo canto inclui certa ironia da gente escravizada face aos excessos da lusa gente:

“Na barra incostô  
Dois navio de guerra,  
Chô vai, chô vai,  
Chô vai, pra não quebrá!”



Este outro diz do drama das travessias marítimas de navios carregados de negros e negras, muitos deles morrendo na longa jornada, de doenças e maltratos, sendo os corpos atirados no fundo do mar, para de lá nunca mais voltar:

“Cadê Dona Catitinha  
Qui no mundo não aparece,  
Ela tá debaixo d'água  
Qui não assobe nem desce!”



74

NEGROS

Cuidados para com coisas e gente vindas do lado de lá do mar:

“Cambinda Velha,  
Olha as miçanga,  
Olha essa gente  
Que veio de Luanda!”



E ainda este que reflete uma cons-cantos negros no Brasil: a evocação a Luanda. Evocação que inclui um qu-timento mágico ligado àqueles mundos-mar de onde vieram aqueles que aqui nos tocaram com a sua nostalgia, o seu to, e a magia de seu mundo de atmosfera:

“Ê! baiana bonita,  
Vamos a Luanda,  
Qui Dona Clara  
Foi quem mandô!”

“Ê! vamos a Luanda,  
Ê zô! Ê! zô!  
Ê! vamos a Luanda,  
Ê zô! Ê! zô!

75



JAYME GRIZ

Ou pouco resta. É verdade.  
Mas sua história de origem e de vivência, ficou.

Essa vivência, que inclui tradição, tem muito de nossa História a zelar.  
Convém não esquecer esta verdade.



ÍNDICE

## OBRAS DO AUTOR

### Publicadas:

"RIO UNA" (Poemas e Cantos)

"PALMARES, SEU POVO, SUAS TRADIÇÕES"

(Edição do Departamento de Educação e Cultura do Município de Palmares — 1953)

"GENTES, COISAS E CANTOS DO NORDESTE"

(Edição do Arquivo Público do Estado/Imprensa Recife-1954)

"O LOBISOMEM DA PORTEIRA VELHA"

(Edição do Arquivo Público do Estado/Imprensa Recife-1956. Prêmio da Academia Pernambucana-1957)

"ACAUIÁ" (Poemas e Cantos)

(Edição do autor. Trabalho Gráfico da Imprensa Recife-1959. Prêmio da Academia Pernambucana-1960. Obra gravada em "Long-Playing" da "MO" Recife-1963)

"NEGROS" (Incluindo cantos)

(Edição do Arquivo Público do Estado/Imprensa Recife-1965. Acompanhada de disco com os cantos)

### A publicar:

"O LOBISOMEM DA PORTEIRA VELHA"

(2a. edição revista e aumentada)

"NO TEMPO EM QUE OS BICHOS FALAVAM"

"O MENINO E O TEMPO" (Memórias)

ESTE LIVRO FOI COMPOSTO E IM-  
PRESSO NAS OFICINAS GRAFICAS DA  
IMPRESA OFICIAL EM CONVENIO COM  
O ARQUIVO PUBLICO DO ESTADO